

ESCUA ACOLHEDORA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES EM UM COLÉGIO PÚBLICO NO SEMIÁRIDO BAIANO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ACTIVE LISTENING AS A STRATEGY FOR PROMOTING THE MENTAL HEALTH OF ADOLESCENTS IN A PUBLIC SCHOOL IN THE SEMIARID REGION OF BAHIA: AN EXPERIENCE REPORT

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e2.a2025.id2519

Recebido em: 26.11.2024 | Aceito em: 16.02.2025

Ricardo Argenton Ramos^{a*}, Lucivanda Cavalcante Borges de Sousa^a

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Petrolina – PE, Brasil^a
*E-mail: ricardo.aramos@univasf.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a implementação de um serviço de escuta acolhedora em um colégio público estadual de Juazeiro-BA, no contexto de um estágio em Psicologia Escolar. O objetivo foi promover o bem-estar emocional dos estudantes do ensino fundamental e médio, oferecendo suporte para lidar com questões como ansiedade, depressão, automutilação e luto. O estudo, de natureza qualitativa descritiva, ocorreu entre março e novembro de 2024, envolvendo 108 alunos em atendimentos individuais e grupos terapêuticos. Os registros das intervenções foram analisados por estatística descritiva, permitindo a identificação de padrões emocionais e contextuais. Os resultados indicaram uma maior demanda entre adolescentes do sexo feminino, com um pico de atendimentos aos 15 anos, evidenciando vulnerabilidades específicas dessa faixa etária. A análise também revelou que estudantes provenientes de famílias monoparentais femininas buscaram mais apoio psicológico, reforçando a influência da estrutura familiar na saúde mental. A escuta acolhedora se mostrou uma estratégia eficaz para a promoção do bem-estar, proporcionando um espaço seguro para expressão emocional e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. O estudo destaca a necessidade de políticas públicas permanentes, como a plena implementação da Lei nº 13.935/2019, que prevê a presença de psicólogos nas escolas, garantindo suporte contínuo aos alunos. Conclui-se que a escuta acolhedora é uma ferramenta fundamental para a Psicologia Escolar, promovendo um ambiente mais acolhedor e contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Saúde emocional; Psicologia escolar; Intervenção psicossocial.

ABSTRACT

This paper presents an experience report on the implementation of an active listening service in a public state school in Juazeiro-BA, within the context of a School Psychology internship. The objective was to promote the emotional well-being of elementary and high school students by providing support for dealing with issues such as anxiety, depression, self-harm, and grief. This descriptive qualitative study took place between March and November 2024, involving 108 students in individual counseling sessions and therapeutic groups. Intervention records were analyzed using descriptive statistics, allowing the identification of emotional and contextual patterns. The results indicated a higher demand among female adolescents, with a peak in attendance at age 15, highlighting specific vulnerabilities of this age group. The analysis also revealed that students from female-headed single-parent families sought psychological support more frequently, reinforcing the influence of family structure on mental health. Active listening proved to be an effective strategy for promoting well-being, providing a safe space for emotional expression and the development of coping strategies. The study emphasizes the need for permanent public policies, such as the full implementation of Law No. 13,935/2019, which mandates the presence of psychologists in schools to ensure continuous support for students. It is concluded that active listening is a fundamental tool in School Psychology, fostering a more welcoming environment and contributing to students' overall development.

Keywords: Emotional well-being; School psychology; Psychosocial intervention.



INTRODUÇÃO

A saúde mental consiste em um fenômeno multifatorial, relacionado ao potencial de sentir, pensar, aprender, agir, socializar e construir relações significativas, sendo fortemente influenciada pelo contexto e pelas circunstâncias de vida (UNICEF, 2021). No mundo, a ansiedade e depressão representam 40% das condições de saúde mental experimentadas por adolescentes de 10 a 19 anos, destacando-se como um grave problema de saúde pública (IHME, 2019). Segundo estimativas, no Brasil, aproximadamente 30% dos adolescentes são afetados por problemas emocionais e de comportamento (LOPES *et al.*, 2016), o que pode impactar diretamente no desempenho acadêmico, no comportamento e nas relações interpessoais. Esses dados evidenciam a importância da promoção da saúde mental no contexto educacional como estratégia para o desenvolvimento pleno dos estudantes. Além disso, o bem-estar emocional dos estudantes está intimamente relacionado à sua capacidade de adaptação ao cotidiano escolar, sendo fundamental para sua formação integral (AGNAFORS *et al.*, 2021).

A negligência em relação à saúde mental pode ter um impacto profundo no desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, gerando desafios significativos. Ansiedade e depressão, condições amplamente prevalentes, estão associadas a dificuldades como baixa concentração, piora no desempenho escolar e até abandono dos estudos (FELÍCIO *et al.*, 2020). Em casos mais graves, os jovens podem enfrentar episódios de automutilação e ideação suicida, o que ressalta a urgência de intervenções que ofereçam suporte adequado e eficaz para situações de vulnerabilidade (EVANS *et al.*, 2019). A falta de ambientes acolhedores para que os alunos expressem suas angústias revela fragilidades estruturais nos sistemas educacionais, particularmente nas escolas públicas, o que reforça a necessidade de políticas e práticas que priorizem o bem-estar mental no ambiente escolar (LINDKVIST *et al.*, 2021).

A saúde mental no ambiente escolar desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral dos estudantes, influenciando diretamente no desempenho acadêmico, o bem-estar emocional e as interações sociais. A escola, além de ser um espaço de aprendizado, é também um ambiente onde os alunos enfrentam desafios

emocionais significativos, que podem interferir em sua trajetória educacional (MCKENZIE *et al.*, 2017). Nesse contexto, práticas como a escuta acolhedora tornam-se fundamentais. A escuta acolhedora refere-se a uma abordagem empática e ativa, na qual educadores, psicólogos e demais profissionais da escola oferecem um espaço seguro para que os estudantes expressem suas angústias, sentimentos e preocupações, sem medo de julgamento, promovendo assim um ambiente de confiança e suporte emocional (AMATUZZI, 2010).

Além disso, um aspecto crucial para a promoção da saúde mental escolar é o senso de pertencimento, que se refere ao sentimento do aluno de fazer parte da comunidade escolar e de ser valorizado dentro dela. Estudos indicam que um maior senso de pertencimento está associado a melhores indicadores de bem-estar psicossocial, pois reduz os impactos negativos da vitimização e do sofrimento psíquico, fortalecendo a resiliência dos estudantes. Isso sugere que a escola pode desempenhar um papel protetivo na saúde mental de crianças e adolescentes, ao fomentar um ambiente acolhedor, inclusivo e que valorize o apoio social (HATCHEL *et al.*, 2019).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) reconhece a Psicologia Escolar e Educacional como uma especialidade profissional essencial para o suporte aos estudantes. Entre suas funções, destaca-se a identificação de dificuldades no ambiente educacional e o encaminhamento de casos que necessitam de atendimento especializado para serviços de saúde mental, como Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), ambulatórios de psicologia e psiquiatria, ou profissionais particulares, conforme a necessidade de cada estudante. (GARAIGORDOBIL, 2023). Mahoney *et al.* (2020) enfatizam que intervenções como programas de escuta acolhedora e grupos terapêuticos podem reduzir barreiras emocionais e comportamentais, promovendo uma cultura escolar mais inclusiva, equitativa e solidária.

No âmbito da psicologia escolar, a escuta acolhedora é uma estratégia central para estabelecer vínculos de confiança entre estudantes e profissionais de saúde mental. Esse tipo de abordagem permite identificar problemas emocionais e atuar na promoção do bem-estar mental, reduzindo riscos de agravamento de quadros emocionais, como ansiedade e depressão, além de fortalecer as habilidades socioemocionais dos alunos,

promovendo um ambiente mais acolhedor e inclusivo (DOURADO *et al.*, 2016). Além disso, a escuta acolhedora contribui para a superação de práticas medicalizantes no ambiente escolar, valorizando intervenções que considerem os contextos sociais e culturais dos alunos (ANDRADA *et al.*, 2019).

No Brasil, a Lei nº 13.935/2019, que determina a presença de psicólogos e assistentes sociais nas escolas, é um marco importante para a promoção da saúde mental no contexto educacional. No entanto, essa lei ainda não foi implementada em todos os estados brasileiros. Nesse cenário, colégios públicos enfrentam desafios específicos, como escassez de recursos, sobrecarga de professores e a ausência de profissionais especializados em psicologia escolar, o que limita a oferta de suporte emocional adequado aos alunos (PRIOSTE, 2020; FACCI; CALDAS, 2023). Apesar disso, intervenções pontuais, como a prática de escuta acolhedora, têm se mostrado eficazes quando implementadas em ambientes escolares, especialmente em salas de aula e espaços de convivência, onde os alunos se sentem mais confortáveis para expressar suas emoções. Essas ações funcionam por meio da criação de momentos estruturados de diálogo, em que os estudantes são incentivados a compartilhar suas preocupações e recebem apoio emocional imediato de educadores e profissionais capacitados. Além disso, oficinas socioemocionais, rodas de conversa e atendimentos individuais breves dentro do ambiente escolar ajudam a fortalecer a autoestima e a reduzir sintomas de ansiedade e estresse, promovendo um ambiente mais acolhedor e propício ao aprendizado (GARAIGORDOBIL, 2023).

Neste cenário, o colégio estadual, localizado em Juazeiro, Bahia, foi palco de uma experiência de estágio em Psicologia Escolar que ilustrou o impacto positivo da escuta acolhedora. Entre março e novembro de 2024, cerca de 120 estudantes participaram de sessões individuais e grupais para lidar com questões como ansiedade, luto e outras dificuldades emocionais. Essa experiência evidenciou a relevância de práticas estruturadas de suporte psicológico no ambiente escolar, especialmente em contextos com recursos limitados. Assim, este relato analisa a implementação da escuta acolhedora, discutindo suas contribuições para o bem-estar dos estudantes e para a Psicologia Escolar. São examinadas as características dos atendimentos, as principais demandas emocionais e os

perfis dos alunos atendidos. Além disso, a pesquisa aborda a criação de um espaço seguro de suporte emocional, os desafios da prática e a necessidade de políticas públicas que garantam a continuidade desse serviço. Nos resultados, os achados são analisados em diálogo com outros estudos da área, permitindo uma compreensão mais ampla dos impactos da escuta acolhedora no contexto escolar.

METODOLOGIA

Este estudo configura-se como um relato de experiência, fundamentado em uma abordagem psicossocial, qualitativa descritiva. Baseia-se na vivência dos autores durante o estágio profissionalizante em Psicologia Escolar, no qual foi implementado um serviço de escuta acolhedora em um colégio público no sertão baiano. A iniciativa teve como foco compreender as demandas emocionais dos estudantes e avaliar seus impactos no ambiente escolar.

A coleta de dados foi realizada por meio de registros sistemáticos das interações, organizados em diários de campo e planilhas, permitindo a análise das principais demandas apresentadas pelos estudantes. Os atendimentos ocorreram ao longo de nove meses (março a novembro de 2024) em um colégio estadual de ensino fundamental (anos finais) e médio, localizado na cidade de Juazeiro, Bahia.

Caracterização do Contexto e Divulgação do Serviço

No início do estágio, a escuta acolhedora foi divulgada por meio de comunicados impressos e digitais, reuniões com pais e responsáveis e conversas diretas com os estudantes, garantindo que as famílias estivessem cientes da disponibilidade do serviço. Além disso, foram realizadas orientações sobre a importância do suporte emocional e do papel da família no acolhimento das demandas dos alunos. Essa abordagem buscou fortalecer a parceria entre escola, estudantes e responsáveis, promovendo um suporte colaborativo e ampliando o impacto das intervenções no ambiente escolar e familiar.

Os alunos chegavam ao serviço de escuta acolhedora de duas formas principais: por procura espontânea ou por encaminhamento de professores e da coordenação pedagógica. A busca voluntária ocorria

quando os próprios estudantes identificavam a necessidade de apoio emocional e se dirigiam ao serviço por conta própria. Já os encaminhamentos feitos pelos professores e equipe pedagógica, partiam da identificação de mudanças significativas no comportamento dos alunos, como dificuldades de concentração, isolamento, queda no rendimento escolar ou relatos de conflitos interpessoais. Nesses casos, os profissionais encaminhavam os estudantes ao serviço, fornecendo informações complementares sobre seu comportamento no ambiente escolar, o que auxiliava na compreensão das possíveis causas das demandas apresentadas. No entanto, esses encaminhamentos não foram formalmente documentados nos resultados, uma vez que a maioria dos atendimentos ocorreu por iniciativa dos próprios alunos.

No total, 108 alunos foram atendidos, além de mães ou responsáveis, quando necessário. As demandas incluíram ansiedade, depressão, automutilação, ideação suicida, luto, violência doméstica e abuso sexual. Os casos mais complexos foram encaminhados para órgãos externos, como o Ministério Público e o Conselho Tutelar, evidenciando a gravidade das situações enfrentadas. Para cada caso, buscou-se atender às necessidades emergenciais, oferecer suporte emocional e orientar os envolvidos para que pudessem acessar redes de apoio adequadas. Além disso, algumas intervenções envolveram alunos previamente diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), que já estavam sendo acompanhados por pedagogos na escola. O colégio não possui profissional algum que auxilia o aluno em questões comportamentais e terapêuticas como o Acompanhante Terapêutico (AT).

Intervenções Realizadas

As ações foram estruturadas em três eixos principais, com os atendimentos individuais servindo como base para a coleta e análise dos dados apresentados neste estudo. Além disso, foi a partir das demandas identificadas nesses atendimentos que surgiu a necessidade de organizar grupos terapêuticos voltados para temas específicos. Todas as intervenções, incluindo os atendimentos individuais e os grupos terapêuticos, foram conduzidas pelo estagiário de Psicologia Escolar,

sob a orientação da professora de estágio profissionalizante.

- **Atendimentos individuais:** Realizados em uma sala de acolhimento cedida pela escola, garantindo privacidade aos alunos. Durante esses atendimentos, foram registrados dados como idade, série escolar, estrutura familiar e motivo da busca pelo serviço. Esses dados serviram de base para a análise das principais demandas emocionais dos estudantes e direcionaram a estruturação das demais intervenções.

- **Grupos terapêuticos:** Conduzidos pelo estagiário, esses grupos foram organizados a partir das demandas recorrentes identificadas nos atendimentos individuais. Os principais temas abordados foram o manejo da ansiedade e o enfrentamento do luto. Essas atividades proporcionaram um espaço seguro para que os estudantes compartilhassem experiências e desenvolvessem estratégias de fortalecimento emocional.

- **Ações psicoeducativas:** Além dos atendimentos, o estagiário também promoveu a distribuição de materiais informativos, como folders sobre ansiedade e estratégias de enfrentamento emocional. Esses materiais foram utilizados para ampliar o impacto da iniciativa, alcançando também alunos que não participaram diretamente das intervenções individuais ou grupais.

Análise dos Dados

Os dados coletados foram organizados em planilhas e analisados por estatística descritiva, permitindo identificar padrões nas demandas emocionais. Para avaliar possíveis associações entre estrutura familiar e motivos de atendimento, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Pearson e o Teste Qui-Quadrado, possibilitando a identificação de relações estatisticamente significativas. As informações foram categorizadas e apresentadas graficamente para facilitar a interpretação dos achados.

Reflexões sobre a Experiência

A análise dos registros e dos dados coletados permitiu refletir sobre a relevância da escuta acolhedora no contexto escolar e os desafios enfrentados na

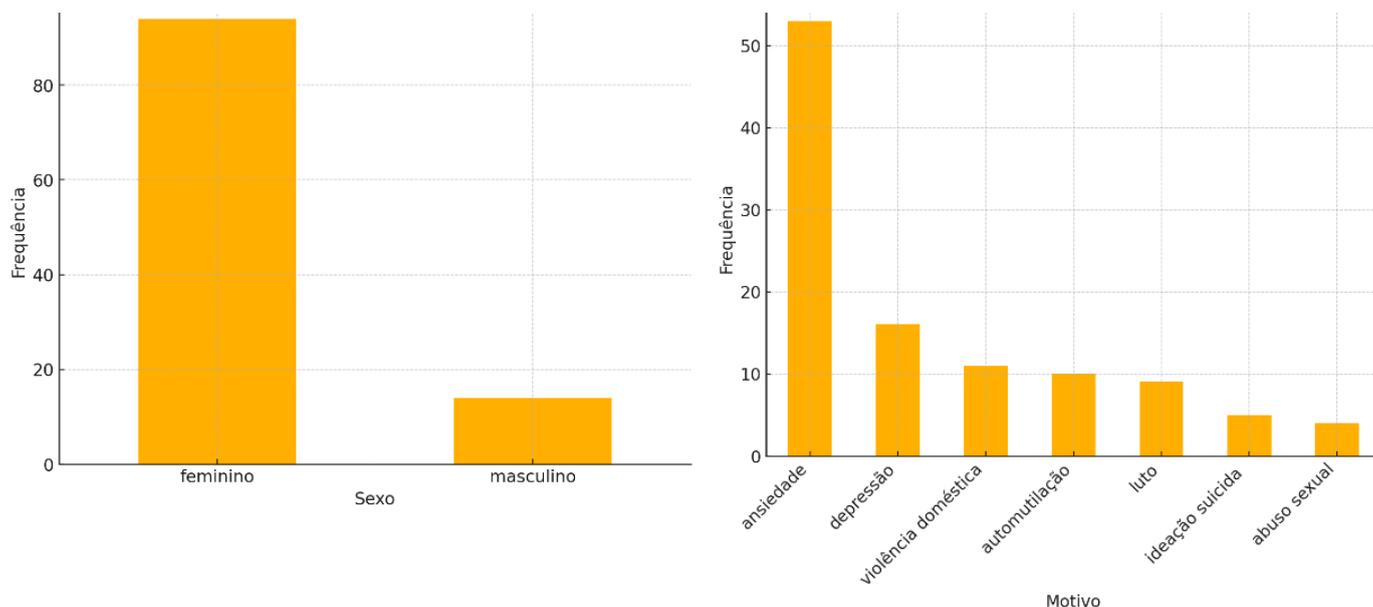
implementação de um serviço psicológico em uma escola pública. Os achados contribuíram para discussões sobre a importância de políticas públicas que garantam suporte contínuo à saúde mental dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre março e novembro de 2024, o serviço de escuta acolhedora atendeu aproximadamente 120 alunos, com idades entre 11 e 18 anos, além de algumas mães e

responsáveis. No entanto, este estudo considera apenas os dados de 108 alunos, uma vez que 12 atendimentos foram realizados em caráter de urgência, sem a devida coleta e registro das informações. As intervenções documentadas incluíram detalhes como estrutura familiar, motivo da busca pelo serviço, idade, série escolar, nome dos estudantes e data do atendimento, permitindo uma análise mais aprofundada do perfil e das demandas emocionais dos alunos.

Figura 01. Caracterização dos alunos por sexo e Motivo de atendimento.



A análise descritiva, apresentada na Figura 01, revela que a maior parte dos atendimentos foi realizada com indivíduos do sexo feminino, evidenciando a maior procura por suporte psicológico entre mulheres. Esse padrão pode ser explicado por fatores socioculturais que incentivam as mulheres a expressarem suas emoções e buscarem auxílio em situações de sofrimento emocional, enquanto os homens enfrentam estigmas associados à masculinidade que desestimulam a procura por ajuda profissional (HAAVIK *et al.*, 2019). Além disso, estudos mostram que as mulheres têm maior conscientização sobre a importância da saúde mental e maior familiaridade com serviços de apoio, o que contribui para a diferença nos

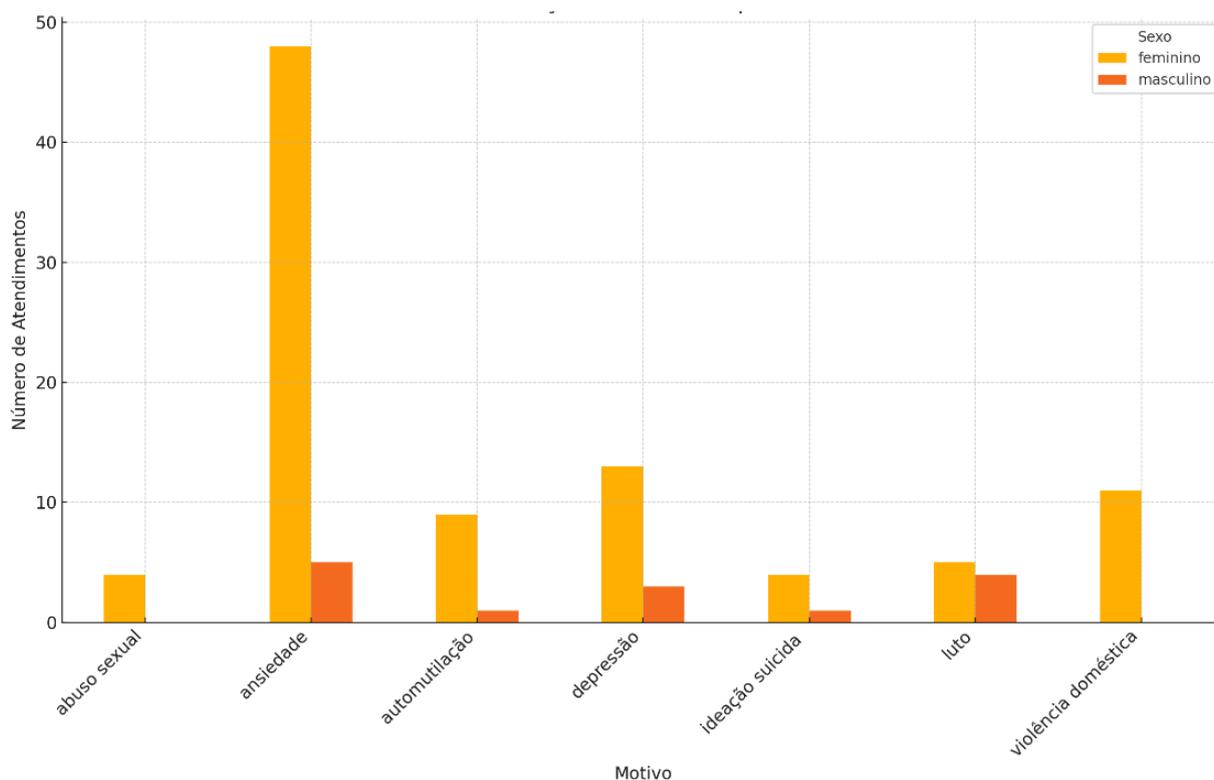
índices de busca por assistência psicológica (LOGANATHAN; FOO, 2019).

Entre os motivos para os atendimentos, destacam-se "ansiedade" e "depressão" como as razões mais comuns, relatadas pelos estudantes, refletindo achados como os apontados pelos relatórios da UNICEF, em que aproximadamente 16 milhões de adolescentes na América Latina e no Caribe, de dez a dezenove anos enfrentam dificuldades de saúde mental, sendo que ansiedade e depressão representam quase 50% delas (UNICEF, 2021). Situações como "violência doméstica", "automutilação" e "luto" aparecem com menor frequência, mas representam importantes fatores de vulnerabilidade emocional. Esses

dados reforçam a necessidade de estratégias de intervenção que contemplem tanto os transtornos emocionais predominantes quanto o suporte a grupos de

maior risco, como mulheres e adolescentes, promovendo um atendimento mais inclusivo e equitativo nos contextos escolares (HOOVER; BOSTIC., 2021).

Figura 02. Distribuição dos Motivos por Sexo.



O gráfico da Figura 02 destaca uma predominância clara de mulheres em todos os motivos analisados. A "ansiedade" é o motivo mais frequente, correspondendo a 48 atendimentos no sexo feminino (90,57%) e 5 no masculino (9,43%). Esses dados refletem uma maior vulnerabilidade emocional em mulheres, corroborando estudos que indicam que transtornos internalizantes, como ansiedade e depressão, são mais prevalentes em mulheres devido a fatores biológicos, sociais e culturais, como pressões de gênero e desigualdades sociais (UNICEF, 2021). Outros motivos, como "depressão" (13 casos femininos e 3 masculinos) e "automutilação" (9 casos femininos e 1 masculino), também apresentam essa tendência, indicando que as mulheres têm maior propensão a buscar ajuda psicológica

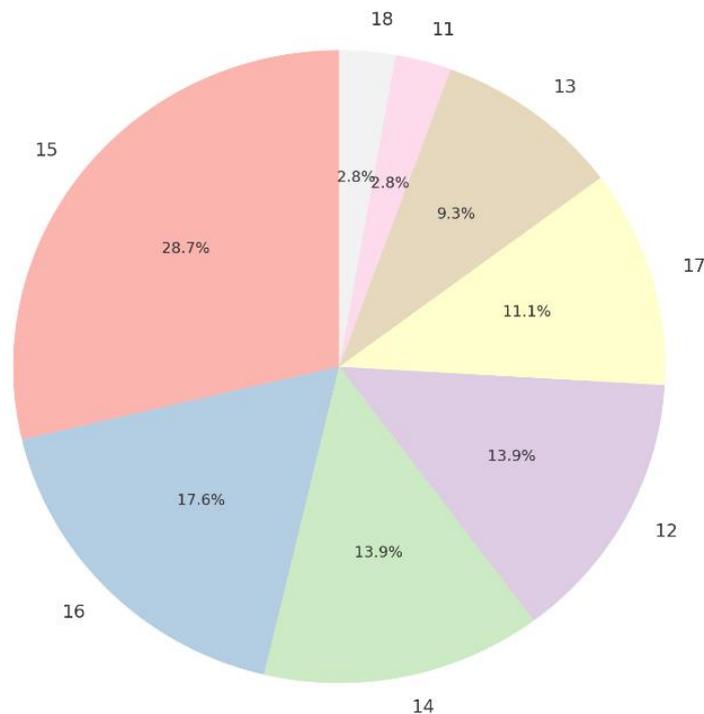
em situações de sofrimento emocional (LOGANATHAN; FOO, 2021).

Casos de "abuso sexual" foram registrados exclusivamente em mulheres, destacando a necessidade de intervenções específicas para a proteção e suporte a mulheres vítimas de violência sexual. Por outro lado, os atendimentos masculinos, embora numericamente inferiores a quantidade de atendimentos femininos, também foram significativos em motivos como "ansiedade" e "depressão". Em relação a baixa procura pelo atendimento masculino, a literatura aponta que homens enfrentam barreiras culturais e sociais relacionadas à masculinidade, que dificultam a busca por ajuda psicológica, levando à subnotificação de casos e ao agravamento de condições emocionais (KIM; YU, 2021). Assim, os dados analisados reforçam a importância de

estratégias inclusivas que contemplem as especificidades de cada sexo, promovendo uma abordagem equitativa e

eficaz no enfrentamento das demandas emocionais e sociais.

Figura 03. Distribuição da idade dos alunos.

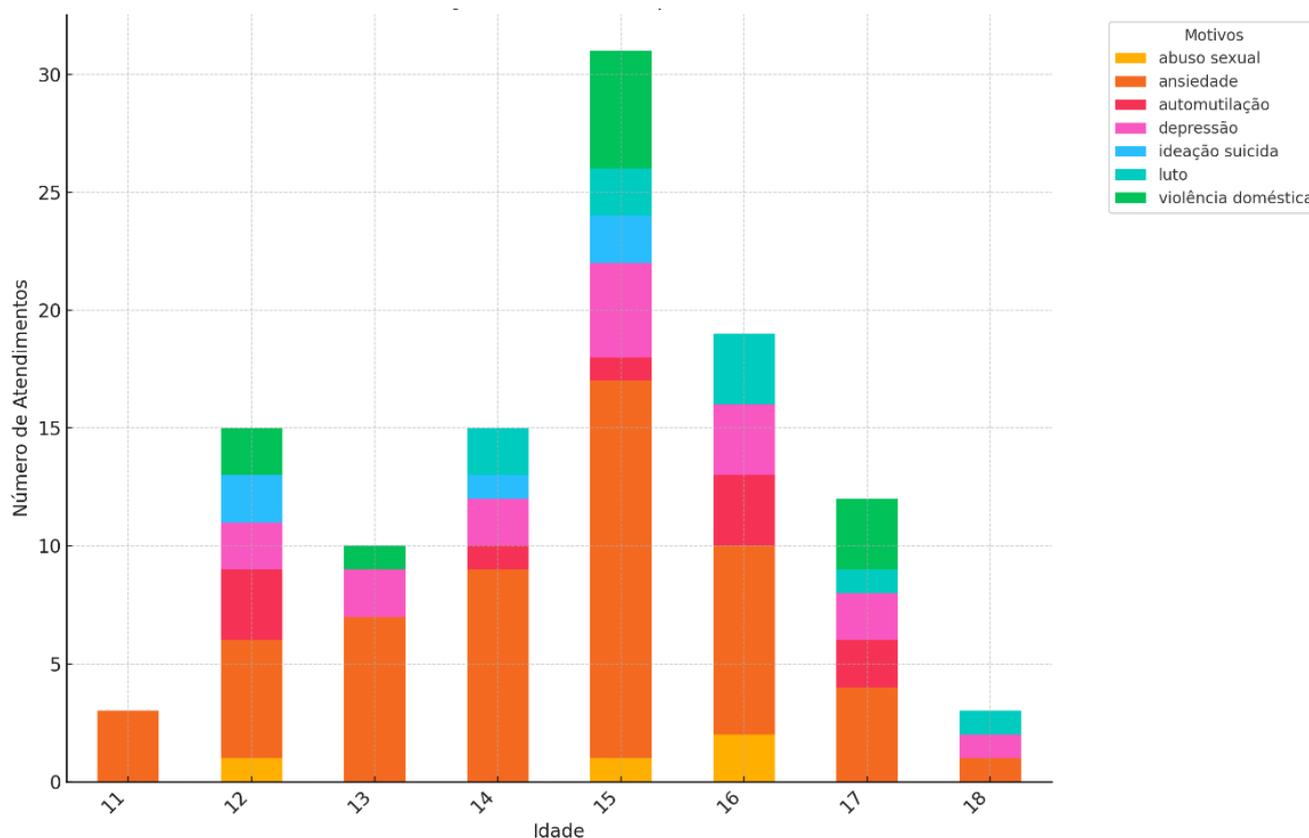


O gráfico de Distribuição de Idade dos Alunos (Figura 03) mostra que 28,7% dos atendimentos foram realizados com estudantes de 15 anos, seguidos por 16 anos (17,6%) e as idades de 14 e 12 anos (13,9% cada). Idades mais jovens, como 11 anos, e mais avançadas, como 18 anos, representaram apenas 2,8% dos casos.

Esses dados refletem a maior vulnerabilidade emocional da adolescência média, marcada por transições no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, que intensificam dificuldades de ajustamento (HAAVIK *et al.*, 2019).



Figura 04. Distribuição dos Motivos por Idade.



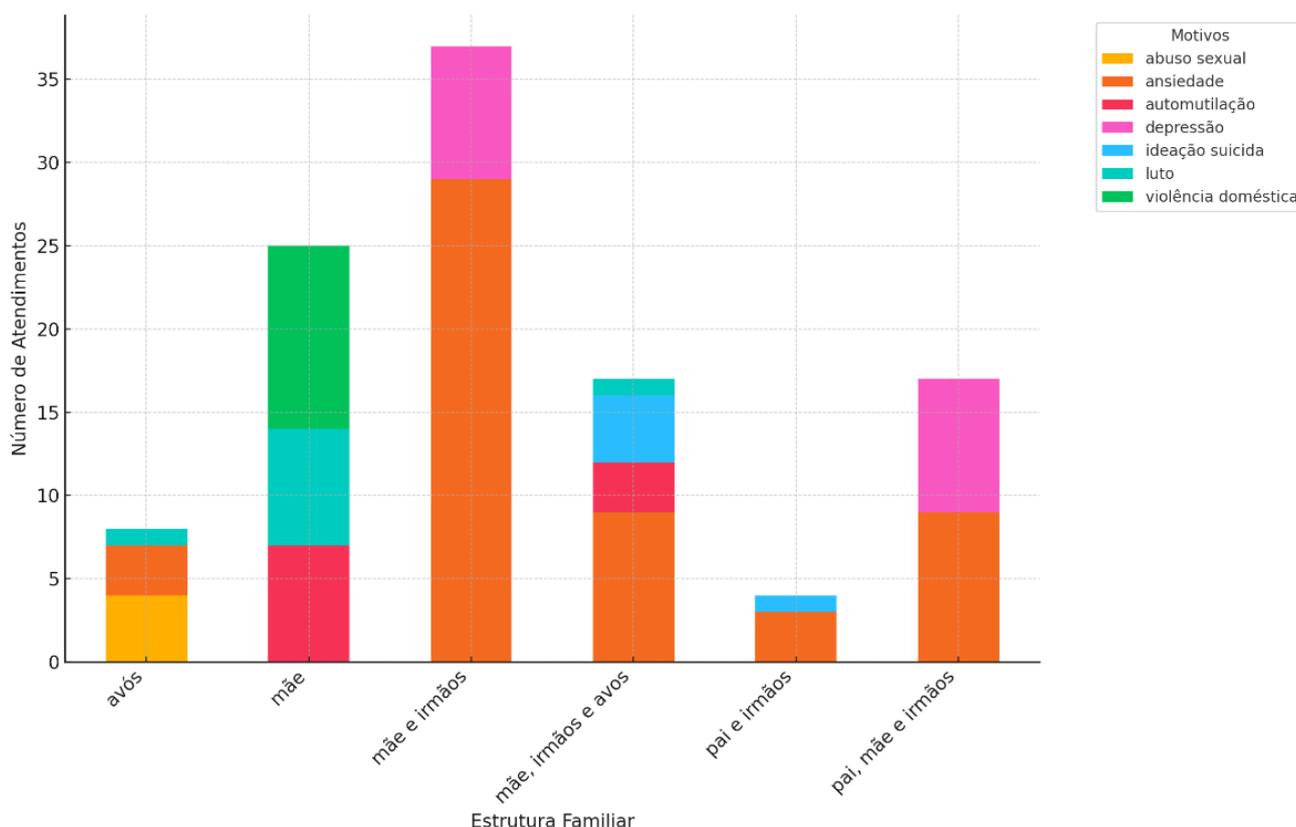
A Figura 04 mostra a distribuição dos motivos por idade e revela que em idades mais jovens, como aos 12 anos, destaca-se a presença de motivos como "violência doméstica" (2 casos) e "automutilação" (3 casos), refletindo fatores internos e externos que afetam negativamente a saúde mental desde a pré-adolescência (HAAVIK *et al.*, 2019; UNICEF, 2021). Aos 14 anos, observa-se um aumento em casos relacionados ao "luto" (2 casos), enquanto aos 15 anos "violência doméstica" alcança seu maior número (5 casos), indicando a influência de contextos familiares adversos nessa etapa do desenvolvimento (HAAVIK *et al.*, 2019). Em idades mais avançadas, como 17 e 18 anos, a distribuição dos motivos é mais equilibrada, possivelmente devido a um amadurecimento emocional ou à redução da busca por serviços de apoio psicológico em escolas.

A análise dos dados em relação a Estrutura Familiar mostra que a maior parte dos atendimentos é de

alunos provenientes de famílias compostas por mãe e irmãos, representando 40,3% do total (37 atendimentos). A estrutura formada apenas por mãe é a segunda mais frequente, com 19,6% dos casos (18 atendimentos). Famílias ampliadas, como aquelas com mãe, irmãos e avós, correspondem a 15,2% (14 atendimentos), enquanto estruturas familiares sob os cuidados de avós somam 13% (12 atendimentos). Por fim, estruturas compostas por pai e irmãos respondem por 8,7% (8 atendimentos). Esses resultados evidenciam a predominância de estruturas familiares centradas na figura materna, refletindo a realidade destacada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que aponta que 51% das famílias no Brasil são chefiadas por mulheres, com índices ainda maiores nas regiões Norte e Nordeste (IPEA, 2023). Essa configuração ressalta a importância de compreender as demandas socioeconômicas e emocionais que recaem sobre as mulheres nessas famílias, especialmente em

contextos de vulnerabilidade, como o abordado neste estudo.

Figura 05. Correlação entre Estrutura Familiar e Motivo.



A análise da correlação entre estrutura familiar e motivo de atendimento, Figura 05, evidencia que alunos que vivem com mãe e irmãos apresentam o maior número de casos de "ansiedade" (29 casos, 82,9% do total de casos desse motivo) e "depressão" (8 casos, 80% do total desse motivo). Esse padrão está alinhado com estudos que destacam que adolescentes em famílias monoparentais frequentemente enfrentam maiores níveis de estresse devido à sobrecarga emocional e financeira da figura materna como principal provedora, o que impacta diretamente na saúde mental dos jovens (PARK; LEE, 2020). Famílias compostas apenas pela mãe mostram alta prevalência de "violência doméstica" (11 casos, 42,3% desse motivo) e "luto" (7 casos, 58,3%), reforçando como a ausência de um segundo responsável pode aumentar a exposição a contextos de vulnerabilidade (YANG; JIANG, 2023).

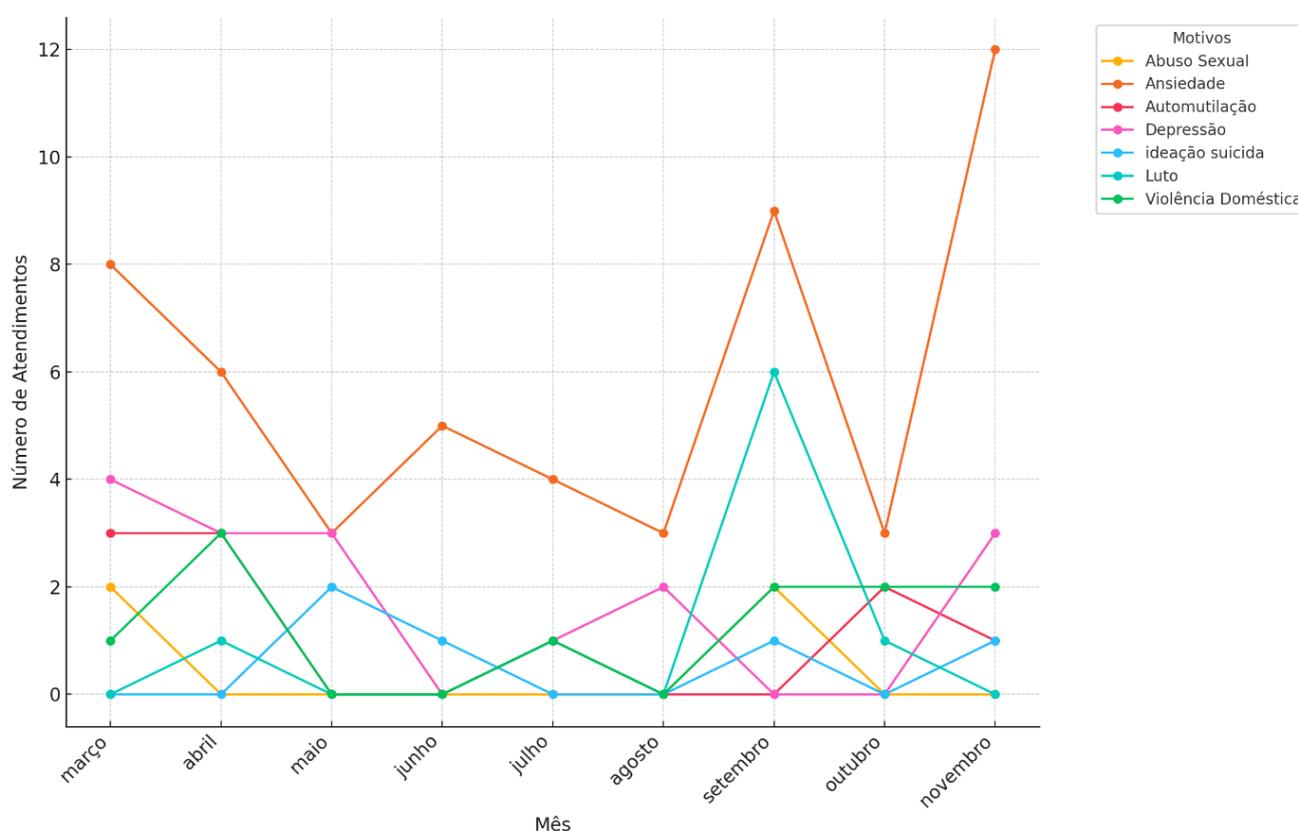
Além disso, alunos sob os cuidados de avós apresentam registros significativos de "abuso sexual" (4 casos, 100% desse motivo) e "ansiedade" (3 casos, 8,6%), além de um caso de enfrentamento ao "luto" (8,3% desse motivo). Estruturas familiares ampliadas, envolvendo mãe, irmãos e avós, indicam 9 casos de "ansiedade" (25,7%) e 4 de "ideação suicida" (66,7%). Em famílias formadas apenas pelo pai e irmãos, os registros são menores, com 3 casos de "ansiedade" (8,6%) e 1 de "ideação suicida" (16,7%). Esses dados apontam que configurações familiares, dentro do contexto estudado, mais complexas ou monoparentais concentram a maioria dos atendimentos relacionados à saúde mental, especialmente em relação à "ansiedade".

O gráfico apresentado na Figura 06 evidencia que "ansiedade" é o principal motivo de atendimento em quase todos os meses analisados, com picos expressivos nos

meses de março (8 casos, 27,6%) e novembro (12 casos, 41,4%). Esse comportamento pode estar relacionado a períodos do calendário acadêmico que são tradicionalmente marcados por aumento de demandas escolares, como o início do ano letivo e a preparação para exames de alta relevância, como o Exame Nacional do

Ensino Médio - ENEM, que ocorre em novembro. Estudos corroboram que períodos de grande exigência acadêmica estão diretamente associados a maiores índices de estresse e ansiedade entre estudantes, especialmente devido à pressão por resultados e expectativas externas (HAAVIK *et al.*, 2019).

Figura 06. Tendências de Atendimentos durante os meses.



Ainda na Figura 06 é possível perceber que motivos como enfrentamento ao "luto", "violência doméstica" e "depressão" apresentaram padrões mais constantes ao longo do ano, mas com menor frequência relativa. Esses motivos, embora menos prevalentes, mantêm relevância significativa devido à sua gravidade e ao impacto emocional que podem gerar nos jovens. Por exemplo, "violência doméstica" apresenta impacto sistêmico na saúde mental, sendo um fator reconhecidamente associado a transtornos de ansiedade e depressão em adolescentes (VÖLKL-KERNSTOCK *et al.*, 2016). O aumento substancial nos casos de ansiedade

em novembro reforça a importância de ações preventivas e de suporte psicológico durante períodos críticos, como o final do ano letivo e eventos marcantes no calendário escolar. Essas estratégias podem incluir intervenções direcionadas ao manejo do estresse, orientação vocacional e suporte emocional.

A eficiência das sessões de escuta foi avaliada com base nos relatos dos próprios estudantes sobre suas percepções e sentimentos após as intervenções. Nos casos mais graves, como ideação suicida, abuso sexual e violência doméstica, foi necessária uma análise aprofundada da situação, conduzida em parceria com

professores, a coordenação pedagógica e, em alguns casos, familiares. Esse processo visou compreender melhor o contexto dos alunos e garantir a adoção das medidas de proteção adequadas. Diante da gravidade dessas ocorrências, os casos foram encaminhados para órgãos competentes, como o Conselho Tutelar, Polícia Militar, Ministério Público e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS-Infanto Juvenil), assegurando o suporte necessário aos estudantes em situação de vulnerabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do serviço de escuta acolhedora no Colégio público Estadual evidenciou o impacto positivo de iniciativas voltadas à saúde mental no ambiente escolar. Ao criar um espaço seguro e confidencial, a prática acolheu demandas diversas, como ansiedade, luto, automutilação e dificuldades familiares, permitindo intervenções personalizadas e coletivas que promoveram mudanças significativas no comportamento e na convivência dos alunos. Essa experiência reforça que o cuidado com a saúde mental é uma dimensão indispensável do processo educativo, contribuindo para o desenvolvimento socioemocional dos estudantes, a melhoria do desempenho acadêmico e a construção de relações interpessoais mais saudáveis.

Com base nos resultados deste relato, é possível propor que escolas desenvolvam atividades específicas para diferentes faixas etárias e para períodos críticos do

ano, como o final do calendário letivo, onde os casos de ansiedade foram mais frequentes. Estratégias preventivas e ações psicossociais voltadas ao enfrentamento de demandas emocionais podem ser incorporadas como parte das práticas pedagógicas, promovendo intervenções mais assertivas e oportunas. Por exemplo, grupos terapêuticos para manejo da ansiedade, combinados com materiais psicoeducativos, mostraram-se eficazes no suporte a estudantes que enfrentavam pressão acadêmica e dificuldades pessoais.

A psicologia escolar em colégios públicos desempenha um papel essencial que ultrapassa o atendimento individual, contribuindo para a criação de estratégias coletivas voltadas ao enfrentamento de problemas estruturais, como a escassez de recursos, a sobrecarga de professores e as desigualdades sociais que afetam diretamente os alunos. Em cenários de vulnerabilidade, o psicólogo escolar é crucial para fortalecer relações interpessoais, lidar com crises emocionais tanto de alunos como de professores e promover um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor, especialmente diante de casos graves, como ideação suicida e abuso sexual, que demandam articulação com redes de apoio externas. Nesse contexto, a implementação da Lei nº 13.935/2019 é um passo essencial para consolidar a psicologia escolar como um componente fundamental da educação pública, garantindo uma abordagem integral às necessidades emocionais, sociais e acadêmicas dos estudantes.

REFERÊNCIAS

AGNAFORS, Sara; BARMARK, Mimmi; SYDSJÖ, Gunilla. Mental health and academic performance: a study on selection and causation effects from childhood to early adulthood. **Social psychiatry and psychiatric epidemiology**, v. 56, p. 857-866, 2021.

AMATUZZI, M. M., CARPES, M. Aspectos fenomenológicos do pensamento de Rogers. **Memorandum**, v. 19, 2010.

ANDRADA, P. C. de, DUGNANI, L. A. C., PETRONI, A. P., *et al.* Atuação de Psicólogos(os) na Escola: Enfrentando Desafios na Proposição de Práticas Críticas.

Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187342>.

DOURADO, A. M., QUIRINO, C. A., DE ALMEIDA LIMA, M. B., *et al.* Experiências de Estudantes de Psicologia em Oficinas de Desenvolvimento da Escuta. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 22, n. 2, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18065/rag.2016v22n2.12>.

EVANS, Rhiannon *et al.* Adolescent self-harm prevention and intervention in secondary schools: A survey of staff in England and Wales. **Child and adolescent mental health**, v. 24, n. 3, p. 230-238, 2019.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; CALDAS, Roseli Fernandes Lins. ENTREVISTA COM A PROFESSORA DRA. MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e279315, 2023.

FELÍCIO, J. F.; DE MOURA, I. da S.; SILVA, A. S.; VASCONCELOS, M. X.; DIAS, H. G.; DA SILVA, I. C.; DO AMARAL, J. F. Refletindo sobre a depressão e a ansiedade no contexto escolar. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 482–490, 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **The state of the world's children 2021 regional brief: Latin America and the Caribbean**. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/108126/file/SOWC-2021-Latin-America-and-the-Caribbean-regional-brief.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2024.

GARAIGORDOBIL, Maite. Educational psychology: the key to prevention and child-adolescent mental health. **Psicothema**, v. 35, n. 4, p. 327-339, 2023.

HAAVIK, L., JOA, I., HATLOY, K., *et al.* Help seeking for mental health problems in an adolescent population: the effect of gender. **Journal of Mental Health**, v. 28, n. 5, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/09638237.2017.1340630>.

HATCHEL, T.; VALIDO, A.; DE PEDRO, K. T.; *et al.* Minority stress among transgender adolescents: The role of peer victimization, school belonging, and ethnicity. **Journal of Child and Family Studies**, v. 28, p. 2467–2476, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1168-3>.

HOOVER, Sharon; BOSTIC, Jeff. Schools as a vital component of the child and adolescent mental health system. **Psychiatric services**, v. 72, n. 1, p. 37-48, 2021.

INSTITUTE FOR HEALTH METRICS AND EVALUATION - IHME. **Global burden of disease**. 2019. Disponível em:

<https://www.healthdata.org/research-analysis/gbd>. Acesso em: 23 nov. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Retratos dos Indicadores de Famílias - 2023**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/267-retratos-indicadores/retratos-indicadores-familias>. Acesso em: 23 nov. 2024.

KIM, Sunki; YU, Soyoung. Men's mental health and interventions tailored to masculinity: A scoping review. **The Journal of Men's Health**, v. 19, n. 11, p. 1-10, 2023.

LINDKVIST, Rose-Marie *et al.* 'A safe place where I Am welcome to unwind when I choose to'—experiences of brief admission by self-referral for adolescents who self-harm at risk for suicide: A qualitative study. **International journal of environmental research and public health**, v. 19, n. 1, p. 300, 2021.

LOGANATHAN, Nirooj; FOO, Fatt Mee. Relationship between gender role conflict and attitude towards seeking professional psychological help. **Polish Psychological Bulletin**, v. 50, n. 4, 2019.

LOPES, Claudia S. *et al.* ERICA: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, p. 14s, 2016.

MAHONEY, J. L. *et al.* Systemic social and emotional learning: Promoting educational success for all preschool to high school students. **The American Psychologist**, 2020.

MCKENZIE, V., VIDAIR, H. B., EACOTT, C., *et al.* Student mental health and psychological interventions in a school setting. **Handbook of Australian school psychology: Integrating international research, practice, and policy**, p. 235–249, 2017.

PARK, H., LEE, K. S. The association of family structure with health behavior, mental health, and perceived academic achievement among adolescents: A 2018 Korean nationally representative survey. **BMC Public**

Health, v. 20, n. 1, 2020. DOI:
<https://doi.org/10.1186/s12889-020-08655-z>.

PRIOSTE, Cláudia. Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e220336, 2020. DOI:
<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046220336>.

VÖLKL-KERNSTOCK, Sabine *et al.* Experiences of domestic and school violence among child and adolescent psychiatric outpatients. **Child Psychiatry & Human Development**, v. 47, p. 691-695, 2016.

YANG, Y., JIANG, J. Influence of family structure on adolescent deviant behavior and depression: the mediation roles of parental monitoring and school connectedness. **Public Health**, v. 217, 2023. DOI:
<https://doi.org/10.1016/j.puhe.2023.01.013>.

